

*A viagem, de Charles Baudelaire pelos mares turbulentos da
modernidade*

THE JOURNEY, BY CHARLES BAUDELAIRE THROUGH MODERNITY'S
TURBULENT SEAS

*Cacilda Bonfim**
*Maria Aracy Bonfim***

RESUMO

Análise do poema A Viagem, de Baudelaire, a partir da ideia de inauguração da Modernidade com a obra As Flores do Mal, com base no reconhecimento do autor que entende a Modernidade como elemento transitório, efêmero e contingente – “é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável”. O poema desvenda o curso da vida moderna e anuncia com o texto poético o desfecho, a queda, o começo do fim – anúncio macabro de tempos viciosos, torpes e vazios. Pode dizer-se que a poesia baudelaireana provocou mudanças radicais em toda a poesia ocidental. Baudelaire é o último grande romântico francês, mas também o iniciador de uma nova sensibilidade baseada na experiência da vida urbana e na observação das ambivalências do mundo emotivo e imaginativo.

PALAVRAS-CHAVE: As flores do mal; Charles Baudelaire; Modernidade; A viagem

ABSTRACT

Analysis of the poem The Journey, by Baudelaire, based on the idea of the inauguration of Modernity with The Flowers of Evil, based on the recognition of the author who understands Modernity as a transitory, ephemeral and contingent element – “it is the half of art, the other half being the eternal and unchanging”. The poem reveals the course of modern life and announces with the poetic text the outcome, the fall, the beginning of the end – a macabre announcement of vicious, torpid and empty times. It can be said that

* Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - IFMA, São Luís, Maranhão, Brasil; cacilda.bonfim@ifma.edu.br.

<http://lattes.cnpq.br/2584797486455233>. <https://orcid.org/0000-0003-0307-0445>

** Professora da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, São Luís, Maranhão, Brasil; maria.aracy@ufma.br <http://lattes.cnpq.br/0219525944399769>. <https://orcid.org/0000-0002-2045-3950>

Cacilda Bonfim
Maria Aracy Bonfim

Baudelaire's poetry provoked radical changes in all Western poetry. Baudelaire is the last great French romantic, but also the initiator of a new sensibility based on the experience of urban life and on the observation of the ambivalences of the emotive and imaginative world.

KEYWORDS: The flowers of Evil; Charles Baudelaire; Modernity; The Journey

*Eis que a partir daí eu me banhei no Poema
Do Mar que, latescente e infuso de astros, traga
O verde-azul, por onde, aparição extrema
E lívida, um cadáver pensativo vaga;*

Artur Rimbaud

Introdução

Um ano após a publicação de *Madame Bovary* (1856), de Flaubert, foi editado *As Flores do Mal* (1857), de Charles Baudelaire. Em sua essência nota-se a urgência em repensar o Romantismo e a percepção das modificações vividas pelo mundo, tudo isso envolvido em projeções de imagens, inclusive ligadas ao satanismo e que possibilitaram que o autor concebesse esta obra, inauguradora da Modernidade, segundo muitos teóricos.

Mesmo parecendo inconciliável, Baudelaire aliou elementos clássicos e românticos e isso perturbou e confundiu a crítica.

Desde o título, com o confronto “belo *versus* mal”, em que se projetam as flores – elementos caracterizadores do belo, puro, ingênuo, o Bem, contra o Mal – o satanismo, a dor, a melancolia, o tédio, os restos de uma sociedade doentia, impõe-se um paradoxo. E é numa leitura paradoxal mesmo que Baudelaire transporta seu leitor, ou melhor, seu

“hipócrita leitor”, pelas águas turbulentas de uma Modernidade, que ele viu pela vigia de sua retórica.

O poema *A Viagem* fecha a edição de 1857 de *As Flores do Mal*. Esse fator pode ser significativo para a compreensão do contexto na obra, pois sugere fechamento, uma finalização que aponta, inclusive para o título do livro, à própria vida moderna, à sondagem dos limites. E isso pode se perceber nos dois últimos versos do poema:

Ir ao fundo do abismo, Inferno ou Céu, que importa?
Para encontrar no Ignoto o que ele tem de novo!
(BAUDELAIRE, 2012, p. 671)¹.

Sabe-se das rudes controvérsias acerca da publicação do livro e todo um processo pelo qual passou seu autor – bem explicado e analisado no artigo “Em defesa das Flores do mal: as alegações do advogado de Baudelaire”, de Diego Grando. A direção da análise aqui se dá, pois no texto poético.

Desenha-se na leitura a estrutura arquitetônica e paradoxal da obra – suas seções, como que para facilitar a visualização dos elementos amargos da vida, como se compartimentá-los tornasse mais simples compreendê-los. Essa é sua arquitetura. Sob a égide da inquietação, do desânimo, do desespero, inicia-se uma jornada de busca por si mesmo. A viagem é para o interior, e sua carga é o cansaço do século XIX.

A análise aqui proposta tem como intuito, a partir de um enfoque em *A Viagem*, observar a Modernidade instalada desde *As Flores do Mal*, sua profunda influência em tudo que na lírica foi produzido desde então. É da leitura reverberante do poema que virão as constatações, sem desconsiderar, obviamente, o cenário, o tempo, e, sobretudo, o poeta.

¹ Todas as citações do poema “A Viagem” são extraídas desta edição.

1. Distúrbio e Decadência: A Vida de Charles Baudelaire

A França em meados do século XIX vivia um período trágico. O poder francês sufocava os movimentos revolucionários, ficando como legado apenas a melancolia, a desilusão a revolta.

Charles Pierre Baudelaire nasceu em 1821. Órfão de pai aos seis anos, e vivenciando um convívio atribulado com o padrasto, o comandante Aupick, Baudelaire nunca teve uma vida de plenitude e equilíbrio, segundo os moldes da sociedade.

Ao atingir a maioridade, adquiriu a posse da herança do pai. Entregou-se ao consumo de diversas drogas, e, posteriormente, sofreu por uma série de graves problemas de saúde e finanças. Caiu nas mãos dos usurários, que o atormentaram durante toda a sua vida. Em 1844, a mãe conseguiu que a justiça lhe retirasse o usufruto da sua fortuna. Mesmo assim, na Revolução de 1848 estava Baudelaire nas barricadas, com os sublevados.

Suas primeiras publicações se deram em revistas, a partir de 1845. Três anos depois, começou a aparecer a longa série de traduções que fez de Edgar Allan Poe, o que, inegavelmente, influenciou na concepção de suas próprias criações. Em 1857, entregou a um editor o manuscrito de *As Flores do Mal*; a edição foi apreendida e seguiu-se um processo contra o autor. Flaubert, da mesma forma, respondera a processo por *Madame Bovary*, mas ganhou a causa. Baudelaire, ao inverso, teve de cortar seu texto e pagar a elevada multa de 300 francos.

Anos adiante, em 1864, deprimido pela falência do seu editor, debilitado fisicamente e moralmente abatido, mudou-se para Bruges. Um ano mais tarde, a sua saúde agravou-se e dois anos depois, morreu nos braços da mãe. Era o ano de 1867.

Pode dizer-se que a poesia baudelaireana provocou mudanças radicais em toda a poesia ocidental. Baudelaire é o último grande romântico francês, mas também o iniciador de uma nova sensibilidade baseada na experiência da vida urbana e na observação das ambivalências do mundo emotivo e imaginativo.

A crítica à sociedade de sua época, com seu progresso e avanços é a tônica de *As Flores do Mal*, desde o poema *Ao Leitor*, que além de ser o primeiro da obra, cumpre o papel de prefácio, uma vez que vários prefácios foram escritos para o livro, nenhum, porém, publicado. Como por exemplo, a *Épigraphe pour un livre condamné*:

Lecteur paisible et bucolique,
Sobre et naïf homme de bien,
Jette ce livre saturnien,
Orgiaque et mélancolique.
Si tu n'as fait ta rhétorique
Chez Satan, le rusé doyen,
Jette! tu n'y comprendrais rien;
Ou tu me croirais hystérique.
Mais si, sans se laisser charmer,
Ton oeil sait plonger dans les gouffres,
Lis-moi, pour apprendre à m'aimer;
Ame curieuse qui souffres
Et vas cherchant ton paradis,
Plains-moi!... Sinon, je te maudis!
(ANTHOLOGIE, 2003, p. 01)²

É de fundamental importância que se reconheça, numa análise como esta, que o elemento clássico da obra é o ponto de partida para todas

² Epígrafe para um livro condenado: Leitor pacato e bucólico, /Sóbrio e ingênuo homem de bem/Lança fora este livro saturnino, /Orgíaco e melancólico. /Se não fizeste tua retórica/Com Satanás, o ardiloso decano, /Lança-o fora! Não entenderias nada;/Ou me julgarias histérico. /Mas se, sem te deixar encantar, /Teu olhar sabe mergulhar nos abismos, /Lê-me, para aprender a me amar;/Alma curiosa que sofres/E vais buscando teu paraíso, /Lamenta-me!... Caso contrário, te amaldiçoo! (Tradução livre).

as leituras de *As Flores do Mal*. Não se trata de um livro que vem com ensinamentos. É, antes, uma obra que inaugura uma nova concepção de livros de poesia, seguindo critérios rigorosos, que como já foi citado, fortemente inspirado em Edgar Allan Poe, com uma postura de confronto, além de inaugurar também a ridicularização da própria poesia. Sem contar o caráter inovador da abordagem da Modernidade, por Baudelaire:

Em muitas declarações análogas, fala-se do poeta da “modernidade”. Esta afirmação tem uma justificativa de todo imediata, pois Baudelaire é um dos criadores desta palavra. Ele a emprega em 1859, desculpando-se por sua novidade, mas necessita dela para expressar o particular do artista moderno: a capacidade de ver no deserto da metrópole não só a decadência do homem, mas também de pressentir uma beleza misteriosa, não descoberta até então (FRIEDRICH, 1978, p. 35).

Aos poucos, evidencia-se que a Baudelaire pensou a Modernidade de uma forma diferente da dos românticos. Por um lado, o destoante, por outro, fascinante.

(...) as imagens dissonantes de metrópoles são de extrema intensidade. Estas imagens conseguem juntar a luz a gás e o céu do crepúsculo, o perfume das flores e o odor de alcatrão, estão cheias de alegria e de lamentação e, por sua vez, contrastam com as amplas curvas vibrantes de seus versos. Extraídas da banalidade como drogas das plantas venenosas, tornam-se, na metamorfose lírica, antídotos contra “o vício da banalidade”. O repugnante se une com a nobreza do acento e recebe aquele “calafrio galvânico” (*frisson galvanique*) que Baudelaire elogia em Poe (FRIEDRICH, 1978, p. 43).

Ainda segundo Hugo Friedrich (1978, p. 36), tem-se a constatação fundamental de que: “Com Baudelaire começa a despersonalização da lírica moderna, pelo menos no sentido que a palavra lírica já não nasce da unidade de poesia e pessoa empírica, como haviam pretendido os românticos (...)”.

Tem-se, portanto, certamente, com *As Flores do Mal*, um marco contundente na Modernidade e mais que isso, no panorama literário mundial. As flores de Baudelaire estão divididas em grupos na obra:

“*Spleen et idéal*”; “*Tableaux parisiens*”; “*Le vin*”; “*Les Fleurs du Mal*”; “*Revolte*” e “*La Mort*”, sendo este, encerrado pelo poema que será aqui analisado.

O fato de ter imprimido este caráter arquitetônico à obra, já a distância da estrutura romântica, fundamentando bastante fortemente, seu caráter inovador.

2. A Viagem

O Turismo Moderno, segundo teóricos como Fúster, iniciou-se no século XIX, mais precisamente no ano de 1841, quando Thomas Cook organizou a primeira viagem de trem “agenciada”, para 570 passageiros que se dirigiram de Loughborough a Leceister, para um congresso antialcoólico³.

A partir desse modelo, a sistematização e organização das viagens foram, cada vez mais elaboradas e estruturadas, tendo como alvo a possibilidade de lucro e solidificação das viagens como mecanismo de enriquecimento.

As viagens, mesmo as mais antigas, sempre tiveram um motivo, uma motivação. Fossem os jogos olímpicos na Grécia do século VII a.C., ou as viagens dos jovens aristocratas europeus no século XVII ao redor do mundo, para conhecerem outros lugares, culturas, instruídos por tutores que, geralmente, lhes acompanhavam.

O viajante que Baudelaire sugere, entretanto, parte por partir. Ele é um “verdadeiro viajante”. O mundo já não tem mais nada a ser descoberto. Chega-se ao “novo”, mas não há mais nada “novo”. Isso ecoa, inclusive, em *O Homem e as Viagens*, de Drummond:

³ PIRES, Mário Jorge. *Raízes do Turismo no Brasil* – Hóspedes, Hospedeiros e Viajantes no Século XIX. 2 ed. Barueri, SP: Manole, 2001.

Ao acabarem todos, só resta ao homem (estará equipado?) a difícilima, dangerosíssima viagem de si a si mesmo: pôr o pé no chão do seu coração, experimentar, colonizar, civilizar, humanizar o homem, descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas, a perene, insuspeitada, alegria de conviver (ANDRADE, 2003, p. 01).

Esta viagem não é um modelo de viagem real, mas intelectual, subjetiva, introspectiva. Uma viagem que remonta ao que diz Hesse (1985, p. 20), em seu *Demian* (1925):

A vida de todo ser humano é um caminho em direção a si mesmo, a tentativa de um caminho, o seguir de um simples rastro. Homem algum chegou a ser completamente ele mesmo; mas todos aspiram a sê-lo, obscuramente alguns, outros mais claramente, cada qual como pode. Todos levam consigo, até o fim, viscosidades e cascas de ovo de um mundo primitivo. Há os que não chagam jamais a ser homens, e continuam sendo rãs, esquilos ou formigas. Outros que são homens da cintura para cima e peixes da cintura para baixo. Mas, cada um deles é um impulso em direção ao ser.

Por meio da alegoria que carrega como subjetividade, vários aspectos, tais como a fuga da realidade e o “se lançar” ao desconhecido, Baudelaire projeta, tal como fosse um cinematógrafo, que vai contrapondo ideias em seus versos. Um passeio alegórico de movimento e rumo ao desconhecido e à conhecida finitude, que requer, porém, dispor da arte, da metáfora, para se sustentar no périplo.

A alegoria deve ser explicada antes que adquira sentido, deve-se encontrar uma solução para o enigma que ela apresenta, de modo que a interpretação muitas vezes laboriosa das figuras alegóricas infelizmente sempre lembra a solução de quebra-cabeças, mesmo quando não se exige maior engenho do que na representação alegórica da morte por um esqueleto. Desde Homero, a metáfora tem arcado com aquele elemento poético que transporta a cognição. (...) As metáforas são os meios pelos quais se realiza poeticamente a unicidade do mundo (ARENDT, 1998, p. 144).

O poema *A Viagem* é dedicado a Maxime Du Camp, grande viajante, fotógrafo, integrante do círculo de amigos de Baudelaire. São

oito partes, que serão lidas nesta análise, seguindo a ordem sequencial do poema.

A parte I é iniciada com a imagem da “*criança, que adora olhar mapas e telas*”, levando o leitor a contrapor a vastidão do universo/apetite ao limite, pequeno na saudade.

Para a criança, que adora olhar mapas e telas,
O universo se iguala ao seu vasto apetite.
Ah, como é grande o mundo à tibia luz de velas!
E na saudade quão pequeno é o seu limite!

Partimos de manhã, a alma em chamas pressagas,
O coração cheio de fel e de acres mágoas;
Seguíamos assim, sempre ao sabor das vagas,
O infinito a embalar no finito das águas:

Uns, gratos por fugir a uma infâmia qualquer;
Outros, ao pânico dos lares, e alguns mais,
Astrólogos fitando o olhar de uma mulher,
Circe tirânica entre bálsamos fatais.

Para que bestas não se tornem, se inebriam
À luz que arde no céu em ásperos lampejos;
O gelo que os ulcera, os sóis que os supliciam,
Apagam pouco a pouco a cicatriz dos beijos.

Na segunda estrofe, a imagem do navio, com o verso “*O infinito a embalar no finito das águas:*”, leva à reflexão de Walter Benjamin:

A imagem dos navios surge quando se trata do ideal profundo, secreto e paradoxal de Baudelaire: ser levado, ser acolhido pela grandeza. “Esses belos e grandes navios que balouçam imperceptivelmente nas águas calmas, esses navios robustos que parecem tão nostálgicos e ociosos – será que não nos perguntam num linguajar mudo: ‘Quando partimos para a felicidade?’”. Nesses navios se unem a indolência e a disposição para um extremo desdobramento de forças. Isso lhes confere uma significação secreta. Há uma constelação especial de circunstâncias onde, também no ser humano, se reúnem grandeza e indolência. Ela governa a existência de Baudelaire. Ele a

decifrou, denominando-a “a modernidade”. Quando se perde no espetáculo dos navios no ancoradouro, é para neles colher uma metáfora. O herói é tão forte, tão engenhoso, tão harmônico, tão bem estruturado como esses navios. Para ele, contudo, o alto-mar acena em vão. Pois uma má estrela paira sobre sua vida. A modernidade se revela como sua fatalidade. Nela o herói não cabe; ela não tem emprego algum para esse tipo. Amarra-o para sempre a um porto seguro; abandona-o a uma eterna ociosidade. Nessa sua derradeira encarnação, o herói aparece como dândi (BENJAMIN, 1994, p. 93).

O que se percebe é que, de qualquer forma, há “*gratidão por fugir*”. E na terceira estrofe, a visão de Odisseu, na ilha de Circe, prisioneiro e sem se dar conta disso, projeta o “herói” que precisa inebriar-se para não sucumbir. Em seguida, a afirmação crucial que desmistifica o viajante:

Mas viajantes de fato apenas são aqueles
Que partem por partir; o coração flutuante,
Jamais hão de aceitar ser outros senão eles
E, sem saber por quê, ordenam sempre: Adiante!

As nuvens configuram-se como a contraposição de ideias. O sonho. O prazer de forma fugaz, quiçá, fumaças advindas do narguilé...

Os que ao prazer dão a fugaz forma das nuvens
E sonham, como sonha o canhão um recruta,
Volúpias sem limite, ignotas e volúveis,
Cujo nome jamais o ouvido humano escuta!

Na parte II, o drama íntimo é trazido à tona:

Imitamos, que horror, a carrapeta e a bola
Em sua valsa; mesmo em sonhos, a nefasta
Curiosidade sempre nos aflige e rola
Tal como um Anjo cruel que o próprio sol vergasta.

Fortuna singular cujo alvo não se alcança
E que, além não estando, onde está não importa!
Em que o homem, que jamais renuncia à esperança,
Repouso implora como um louco em cada porta!

Mesmo com toda a busca, é revelado o lado inútil da viagem, pois toda a tentativa de alcance do paraíso só leva aos escolhos. O viajante devaneia nas regiões quiméricas, comparado ao velho vagabundo (um deus?).

Nossa alma é uma trirreme em busca dessa Içaria;
Sobre a ponte uma voz no ar ecoa: “Abre os olhos!”
E na gávea outra voz se alteia solitária:
“Ventura... glória... amor!” Mas há somente escolhos!

Cada ilhota que avista esse homem da vigia
É um paraíso⁴, uma promessa do Destino;
E o devaneio, que ora ostenta a sua orgia,
Um só recife encontra à luz do ar matutino.

Amoroso infeliz de ermas regiões quiméricas!
Preciso é submetê-lo e ao mar lançá-lo após,
Esse ébrio marinheiro, esse inventor de Américas
Cuja miragem torna o abismo mais atroz?

Tal como o velho vagabundo, os pés na lama,
Nariz para o ar, edens de luz eis que imagina;
Uma Cápua vislumbra o seu olhar em chama
Toda vez que a candeia um casebre ilumina.

Há, na Parte III, a solicitação do relato, com a função “imunizadora” do tédio. É a ânsia pela liberdade que demanda dos “Viajantes sem temor”, suas joias.

Viajantes sem temor, quantas nobres histórias
Lemos em vosso olhar profundo como os lastros!
Mostrai em vosso escrínio essas ricas memórias,
Jóias mais raras do que a etérea luz dos astros.

Queremos navegar sem bússola e sem vela!
Fazei, para que o tédio o ser não nos afronte,

⁴ Na versão em francês, a palavra “paraíso” corresponde a “Eldorado”.

Cacilda Bonfim
Maria Aracy Bonfim

Passar em nossos corações, qual numa tela,
Vossas lembranças com seus quadros de horizonte.

E o que vistes? Dizei.

Os viajantes destemidos iniciam, então, o relato de suas impressões na Parte IV, em que nem os diversos panoramas vistos destroem o tédio que ali continua à espreita.

Vimos estrelas e ondas,
E enfim vimos também alvíssimas areias;
E, apesar do naufrágio em borrascas hediondas,
O tédio, como aqui, nos cinge em suas teias.

O mar violeta; as cidades e as cores com que lhe tonaliza o sol;
nada é tão grande quanto o desejo – “tronco imenso”.

A glória ébria do sol por sobre um mar violeta,
As cidades em glória ante o sol a se pôr,
Nos acendiam na alma uma vontade inquieta
De mergulhar num céu de aliciante esplendor.

As maiores regiões, a mais pujante aldeia,
Não continham jamais os encantos secretos
Dessas que o acaso com as nuvens delinea.
E eis que o desejo nos fazia inquietos!

Ao desejo o prazer alguma força acresce.
Desejo, árvore à qual o gozo é adubo certo,
E enquanto a casca engrossa e aos poucos enrijece,
Teus ramos querem ver o sol ainda mais perto!

Crescerás sempre, ó tronco imenso e mais vivaz
Que o cipreste? – Com zelo arrancamos, porém,
Alguns botões que o vosso álbum ávido apraz,
Irmãos que achais ser belo o que de longe vem!

Rituais, celebrações, pompa e a intensa luminosidade, dessa vez, das joias:

Celebramos até uns ídolos com trompa;
Tronos que a luz das jóias deixa constelados,
Palácios de cristal cuja ofuscante pompa
Seria um pesadelo aos vossos potentados;

Ritos que aos olhos mais parecem uma orgia;
Mulheres cujos dentes e unhas são rubis,
E hábeis jograis que uma serpente acaricia.

Na parte V, um único verso inquisidor e solícito por mais imagens, pergunta:

E após, e após enfim?

O “mal” que presente em “Ao Leitor” reaparece nos relatos dos viajantes. Na Parte VI, há figuras como a mulher submissa, o homem tirano, o algoz, o mártir – a Humanidade – os “amantes da Demência que adormecem os restos da consciência”. Percebe-se o confronto das imagens projetadas pelos viajantes às imagens de relatos modernos de viagens.

Baudelaire vê por trás das fachadas luminosas e “belas”, construídas e forjadas e antevê a afirmação das viagens, do turismo em sua aplicação comercial, embalada pela banalidade e consumismo.

Ó cérebros pueris!

E para não fugir à coisa capital,
Vimos em toda parte, e sem o haver buscado,
Desde cima até embaixo da escada fatal,
A encenação tediosa do imortal pecado:

A mulher, serva infame, estúpida e orgulhosa,
Adorando-se a sério e amando-se em sossego;
O homem, tirano, a alma feroz e voluptuosa,
Da escrava o escravo e de um esgoto o imundo rego;

Cacilda Bonfim
Maria Aracy Bonfim

O algoz que se diverte, o mártir que padece;
A festa que perfuma o sangue e que o tempera;
O vinho do poder que ao déspota enraivece,
E o povo em êxtase ante o látego que o espera;

Diversas religiões em tudo iguais à nossa,
Todas galgando o céu; a vocação divina,
Como um donzel que em meio às plumas se alvoroça,
Em busca da volúpia entre os pregos e a crina;

A Humanidade, ébria da própria fantasia,
E hoje tão louca quanto o foi no tempo antigo,
Clamando a Deus em sua ríspida agonia:
Ó mestre, ó semelhante a mim, eu te maldigo!

E os menos tolos, mas amantes da Demência,
Fugindo ao que o Destino uniu, rebanho inglório,
E no ópio adormecendo os restos da consciência!
- Tal é do mundo inteiro o eterno relatório!

Na Parte VII, tem-se de volta, a “voz do narrador”, que conclui a imagem “sem saída” delineada por Baudelaire:

Saber amargo, o que se tira de uma viagem!
Monótono e pequeno, o mundo, sem remédio,
Hoje, ontem, amanhã, nos faz ver nossa imagem,
Um oásis de horror num deserto de tédio!

O Tempo, em forma de alegoria, impede qualquer fuga. Bestializa, faz-nos enveredar em demanda do “Lótus perfumado”.

Urge partir? ficar? Pois fica, se apraz;
Ou parte, se é preciso. Um corre, o outro se esconde
Para enganar o Tempo, o inimigo tenaz
E funesto! Há quem corra alheio ao quando e ao onde,

Como o Judeu errante e os fieis de Nazaré,
Aos quais nada valeu, nem barco nem vagão,
Para fugir ao gladiador; e há quem até
Saiba matá-lo sem deixar o seu torrão.

A viagem, de Charles Baudelaire pelos mares turbulentos da modernidade

Quando ele nos pisar o dorso que se inclina,
Poderemos enfim gritar bem alto: “Avante!”
Assim como íamos outrora para a China,
Os cabelos ao vento e os olhos sempre adiante,

Navegaremos sobre a espuma tenebrosa,
Jovens viajantes ébrios de ânsia e de prazer.
Escutai essa voz, taciturna e graciosa,
Que canta: “Por aqui, vós que quereis comer

O Lótus perfumado! Eis aqui a vindima
Dos frutos pelos quais vossa alma anda sedenta;
Não viste pois vos embriagar ao doce clima
Dessa tarde que flui infinda e sonolenta?”

A uma voz familiar se adivinha a visão;
Os Píades ao longe acolhem-nos agora.
“Vai refrescar-te em tua Electra, coração!”
Diz essa cujos pés beijávamos outrora.

A “inutilidade” e a busca pelo “artifício” ecoam no *Opiário*, de Álvaro de Campos – heterônimo de Pessoa, como pode-se constatar nestas estrofes do poema luso:

Eu acho que não vale a pena ter
Ido ao Oriente e visto a Índia e a China.
A terra é semelhante e pequenina
E há só uma maneira de viver.

Por isso eu tomo ópio. É um remédio
Sou um convalescente do Momento.
Moro no rés-do-chão do pensamento
E ver passar a Vida faz-me tédio.

Fumo. Canso. Ah uma terra aonde, enfim,
Muito a Leste não fosse o oeste já!
Pra que fui visitar a Índia que há
Se não há Índia senão a alma em mim?

Por fim, na Parte VIII, a “*Morte, velho capitão*” do homem moderno, aquele que se compraz na destruição, é solicitada como guia para o “novo”, não importando ser ele “do bem” ou “do mal”. Resta como única possibilidade.

Ó Morte, velho capitão, é tempo! Às velas!
Este país enfara, ó Morte! Para frente!
Se o mar e o céu recobre o luto das procelas,
Em nossos corações brilha uma chama ardente!

Verte-nos teu veneno, ele é que nos conforta!
Queremos, tal o cérebro nos arde em fogo,
Ir ao fundo do abismo, Inferno ou Céu, que importa?
Para encontrar no Ignoto o que ele tem de *novo*!

A partir da análise de Jeanne Gagnebim, percebe-se, inclusive, o retorno à criança da primeira estrofe. O desfecho do poema e suas vozes volta-se para o “novo”.

Parágrafo exemplar das convicções estéticas de Baudelaire: a verdadeira arte é uma busca incessante no “novo” (palavra sempre ressaltada pelo autor). Mas esse não é nenhuma substância como existissem coisas novas a serem procuradas: encontradas, elas já tornar-se-iam antigas. O novo é uma certa qualidade do olhar, própria do artista, do convalescente e da criança, olhar ao mesmo tempo privilegiado e profundamente anti-natural, sim, anormal, quase doente (...). A criança tem esse dom de maneira natural, mas não tem os meios da razão que possibilitam a sua expressão. Ao se tornar um adulto, ela adquire a razão e, geralmente, perde a intensidade da visão, não consegue então ver o novo porque perdeu a capacidade de encontrá-lo. Assim, só um retorno organizado à infância permite a conjunção da curiosidade, da intensidade (próprias da criança) e da organização voluntária e racional (próprias do adulto) que geram a expressão artística (GAGNEBIM, 1997, p. 145).

A morte é a escolha final. Isso também é percebido por Hugo Friedrich:

A última poesia de *Les Fleurs du Mal*, “*Le Voyage*”, que analisa todas as tentativas de evasão, termina com o decidir-se pela morte. A poesia ignora o que a morte traz consigo. Mas esta atrai, pois é a possibilidade de conduzir ao

“novo”. E o novo? É o indefinível, a vazia contraposição à desolação do real. No ápice da idealidade baudelaireana, apresenta-se conceito da morte, transformado em totalmente negativo e destituído de conteúdo (FRIEDRICH, 1978, p. 48).

Isto acarreta conflito para os poetas da Modernidade. São deixadas pistas por Baudelaire, que, ao mesmo tempo, segundo Hugo Friedrich (1978, p. 49), “fala muitas vezes do sobrenatural e do mistério. Só se compreende o que ele quer dizer com isto quando – como ele próprio fez – se renuncia a dar a estas palavras outro conteúdo que não seja o próprio mistério absoluto.” Conduzindo esta Modernidade a uma tensão.

O desconcertante de tal modernidade é que está atormentada até à neurose pelo impulso de fugir do real, mas se sente impotente para crer ou criar uma transcendência de conteúdo definido, dotada de sentido (...). A idealidade vazia, o “outro” indefinido que, no caso de Rimbaud é mais indefinido ainda e no de Mallarmé se converterá no Nada, e o mistério que gira em torno de si mesmo, próprio da lírica moderna, são correspondentes (FRIEDRICH, 1978, p. 48).

Considerações Finais

No decorrer do trabalho, procurou-se sistematizar os fundamentos teóricos sugeridos no Curso Clássicos Universais e, através de pesquisa bibliográfica, os fundamentos teóricos possibilitaram subsídios à execução desta análise, que, diga-se de passagem, apenas começa aqui, deixando pistas para aprofundamentos cada vez mais profundos.

Verificou-se que *A Viagem*, além de integrar a parte que desfecha *As Flores do Mal*, possibilita leituras e abordagens as mais variadas e mais que isso, lança questões e reflete a formatação de uma Modernidade através da rica construção simbólica de seus elementos.

A partir da contraposição dos dados ao longo de toda a obra a tessitura de uma Modernidade anunciada e que vai sendo percebida na medida em que se mergulha no texto, mesmo sendo turva sua superfície, em busca de significações e sentidos.

A paisagem avistada não é estática. Tecida com linhas clássicas, *As Flores do Mal* é uma tapeçaria detalhadamente gerada e profundamente marcante, mesmo 167 anos após sua primeira publicação. O “novo” vem nas imagens e do texto poético. *A Viagem*, de Baudelaire trouxe uma série de *souvenirs* para a Modernidade.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor. In BENJAMIN, Walter. HOKHEIMER, M. HABERMAS, J. **Textos Escolhidos**. São Paulo: Abril, 1975. (Coleção Os Pensadores, v. 48)

ANDRADE, Carlos Drummond de. **O Homem e as Viagens**. On-line. Disponível em http://flauer.com.sapo.pt/o_homem_e_as_viagens.htm Acessado em 15/05/2003.

ANTHOLOGIE. **Épigraphe pour un livre condamné**. On-line. Disponível em <http://www.anthologie.free.fr/zip/apporte.pdf>.> Acessado em 2022.

ARENDT, Hannah. **Homens em Tempos Sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BAUDELAIRE, Charles. **As Flores do Mal**. Tradução de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade**. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1996.

BENJAMIN, Walter. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1985. (Coleção Grandes Cientistas Sociais)

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire** - um lírico no auge do capitalismo. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COTTERELL, Arthur. **Enciclopédia de Mitologia**. Portugal: Editora Livros e Livros, 1998.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna**: da metade do século XIX a meados do século XX. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete Aulas Sobre Linguagem, Memória e História**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GRANDO, Diego. **Em defesa das Flores do mal**: as alegações do advogado de Baudelaire. *Belas Infiéis*, Brasília, v. 9, n. 5, p. 325-349, out./dez., 2020.

HESSE, Herman. **Demian**. 23 ed. Rio de Janeiro: Record, 1985.

PESSOA, Fernando (Álvaro de Campos). **Opiário**. On-line. Disponível em <<http://www.secrel.com.br/jpoesia/facam01.html> > Acessado em 02/10/2023.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. (Org.) Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Cacilda Bonfim
Maria Aracy Bonfim

RIMBAUD, Artur. O Barco Ébrio. On-line. Disponível em
<http://www.ufrgs.br/proin/versao_2/rimbaud/index02.html>
Acessado em 05/05/2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. (org.) **Leituras de Walter Benjamin**.
São Paulo: FAPESP: Annablume, 1999.

VALÉRY, Paul. Situação de Baudelaire. (In) **Variedades**. São Paulo:
Iluminuras, s/d.